

torno das remanescentes poças de água da caatinga do sofrido Nordeste brasileiro. É proclamar, não que a caridade produz a pobreza no mundo, mas que a pobreza e a miséria suscitem a caridade, que vem para amenizar o sofrimento das pessoas e complementar a justiça, que é indispensável e fundamental, mas por si só insuficiente, para a solução de todos os problemas sociais no mundo que, de crise em crise, é cada vez mais carente, complexo e conflituoso.

DISCURSO DE RECEPÇÃO DE DOM RAFAEL LLANO CIFUENTES*

Ives Gandra da Silva Martins**

Conheço Dom Rafael há, pelo menos, 45 anos. A primeira vez que o ouvi, em palestra de formação moral, impressionou-me tão vivamente com sua vibração e retórica que, durante alguns dias, referi-me, nas conversas com amigos, à sensação que me causara.

A partir daquela primeira palestra, não só assisti a muitas outras, como passei a ser seu leitor, tendo lido, no que diz respeito às suas obras de formação moral, praticamente tudo o que publicou em português.

Embora mexicano, adotou o Brasil como sua pátria, aqui tendo vivido grande parte de sua vida, exercido o sacerdócio e o magistério e ofertado fantástica contribuição para o aprimoramento da juventude, para a consolidação das famílias e para a reflexão acadêmica sobre moral e os valores maiores que adornam o homem, na preservação de sua dignidade.

Licenciou-se em direito pela Universidade de Salamanca, em 1955, pós-graduou-se pela mesma Universidade, em 1956, doutorou-se em Direito Canônico na Universidade Pontifícia de São Tomas, em Roma, em 1959, tendo-se ordenado sacerdote da Prelazia de Opus Dei, em dezembro de 1959.

Desde 1961, vive no Brasil, tendo regido a cátedra de Direito Canônico na Faculdade de Direito da PUC-São Paulo de 1962 e até 1975, quando a deixou para mudar-se para o Rio de Janeiro.

Exerceu diversas funções e participou de inúmeras atividades pastorais e acadêmicas, na fundação do Centro de Pesquisas Universitárias-CPU da PUC-SP, no Curso de "Técnicas de pesquisas e trabalho intelectual da CPU", como profissional do Instituto Superior de Direito Canônico do Rio de Janeiro (1983-1990), na coordenação da Pastoral Universitária da Arquidiocese

* Discurso por ocasião da recepção de Dom Rafael Llano Cifuentes como membro da Academia Brasileira de Filosofia.

**Professor Emérito das Universidades Mackenzie, Paulista e da Escola de Comando e Estado Maior do Exército, Presidente do Conselho de Estudos Jurídicos da Federação do Comércio do Estado de São Paulo e do Centro de Extensão Universitária.

do Rio de Janeiro (1980-1990). Nomeado por Sua Santidade Bispo Titular de Mades e Auxiliar do Rio de Janeiro, em 1990, recebeu a ordenação episcopal na Catedral Metropolitana. Como Bispo Auxiliar, exerceu a Coordenação da Pastoral Familiar, da Juventude e Universitária, sobre ter sido animador do Vicariato Episcopal Leopoldina, responsável pela Evangelização 2000 e pelo Movimento Pró-Vida.

Sua ação apostólica e pastoral foi intensa, na Arquidiocese, desde sua consagração como príncipe da Igreja com cursos, seminários, congressos regionais, inúmeros sendo aqueles de que participou ou dirigiu.

Foi o bispo responsável pelo II Encontro Mundial do Papa com as famílias, em 1997. Representou as famílias brasileiras no III Encontro Mundial com o Papa, em Roma, em 2000.

Idealizou a Revista Ilustrativa sobre atividades Pró-famílias, tendo sido eleito, na 41ª. Assembléia Geral de Bispos do Brasil, presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a vida e família.

Eleito presidente da Regional Leste I da CNBB, veio a ser escolhido, em 2004, Bispo de Nova Friburgo pelo Papa João Paulo II. São inúmeras suas condecorações e não poucas as suas missões.

Seus livros são incontáveis, tanto na área científica, como nas jurídica e pastoral. Entre elas destaque, na área científica: "El Realismo Metódico", "La naturaleza jurídica de fictio iuris", "A validade e eficácia civil do casamento canônico no Brasil", "Veritatis Splendor: aspectos relevantes e considerações", "Relações Jurídicas entre a Igreja e o Estado", "Direito Matrimonial"; na área jurídica: "Relações entre a Igreja e o Estado", "Curso de Direito Canônico", "Novo Direito Matrimonial Canônico"; entre os livros pastorais: "147 Perguntas e Respostas sobre o Casamento", "A Força da Juventude e o Sacramento da Crisma", "274 Perguntas e Respostas sobre Sexo e Amor", "E a Família como vai?", "85 Experiências de Amor", "Hora da Família", "Noivado e Casamento, Preparação e Orientação para Solteiros e Casados"; por fim, no campo da orientação humana e espiritual, destaque: "A Força do Sacerdócio no Espírito Santo", "Serenidade e Paz pela Oração", "A Força e a Suavidade do Espírito Santo", "Grandeza de Coração". Não poucos são, também, os seus artigos jurídicos ou extra-técnicos publicados em revistas e jornais.

Mais não falo, pois ficaria tempo enorme apenas enumerando atividades, estudos, livros e artigos de sua lavra.

Foi eleito para a Academia Brasileira de Filosofia em 04/09/2008.

Nada obstante todo o seu fantástico currículo de pensador, filósofo, pastor e jurista, sua maneira de ser merece, nestas palavras de recepção, rápidas considerações.

Dom Rafael é um dos grandes pensadores do Brasil, na atualidade. Daqueles que, na sua coerência de vida, "vive como pensa" - e não, "pensa como vive", como ocorre a muitos dos filósofos, que, em não conseguindo viver segundo aquilo em que acreditam, passam a formular teorias para justificar a adoção de um modo de vida mais lasso e menos comprometido com valores fundamentais. Teorias convenientes e coniventes.

Sua opção pela santificação do trabalho ordinário, que aprendeu do santo fundador da Universidade de Navarra, permeia toda sua obra. É um sacerdote que valoriza o cotidiano e insiste na sua missão apostólica. Como escrevia o autor de "Caminho", nele "Frei Exemplo é o melhor pregador". Valoriza a realidade divina do humano, como sinalizou o Jesus Urteaga, ao escrever "O valor divino do humano". Toda a sua obra é dedicada à valorização da família e da juventude, sob a perspectiva do Senhor.

É, aliás, algo que acentua, em seus diversos livros sobre virtudes humanas ("A fortaleza", "Vidas Sinceras", "A alegria de viver", "Insegurança, Medo e Coragem", "Egoísmo e Amor", "A maturidade", "Juventude para todas as idades"), editados pela Editora Quadrante ou, ainda, "Não vos preocupeis: Deus é vosso Pai" e "Deus e o sentido da vida".

Em todos estes livros, o seu otimismo em viver as virtudes do cotidiano é contagiante. Em todos eles, Deus é mostrado na sua verdadeira face. É interessante notar que, de todas as religiões, a única que teve o próprio Deus vivo convivendo com os homens é a Cristã. Os gregos criaram os deuses à sua imagem e semelhança e, portanto, com todos os defeitos, vícios, ódios e amores próprios dos seres humanos. Os egípcios não ficaram atrás; ao contrário, por ser sua religião anterior, mortes, assassinatos, crimes e violências maculam a trajetória da constelação dos deuses egípcios, exceção aos 18 anos do reinado de Akenaton, em que um único deus (Aton) substituiu sua mitologia de divindades humanas e animais.

Os próprios deuses asiáticos do Médio e Próximo Oriente tinham pouco de humano, na aparência, e muito de fantasia.

Todos eram criados pelos homens, na busca de justificação dos fenômenos que não compreendiam.

Esta intuição, inata no homem, da existência de um ser superior, não poucas vezes, na história da humanidade, levou-o a criar divindades. A religião judaica, que visualizou a existência de um ser criador e não criado, já se diferencia, diametralmente, das demais religiões, embora seus seguidores não tenham logrado reconhecer o cumprimento das escrituras, no que anunciavam o próprio Deus feito homem. É, todavia, quando Cristo, o filho do Deus Vivo, vem à terra, que a plenitude dos tempos se faz. E é exatamente a este Deus Vivo que D. Rafael dedicou sua vida.

Uma das lições que aprendemos, ele e eu, de São José Maria Escrivá, todavia, é o profundo respeito aos que acreditam em Deus, àqueles que seguem outras religiões e aos que não acreditam em nada. Como dizia São José Maria Escrivá, o direito de divergir corresponde à liberdade que Deus ofertou aos seus filhos, como, de resto, realça Santo Agostinho, em seu diálogo "Sobre o livre arbítrio". Certa vez, São José Maria Escrivá, em São Paulo, declarou a uma senhora evangélica que defenderia até a morte o direito dela de pensar diferente, embora não trajasse "aquele fundo de guarda-chuva" – referindo-se a sua batina – senão porque estava convencido de que a sua fé era a verdadeira.

Neste ponto, a obra jurídica, histórica e filosófica de Dom Rafael une a solidez dos conceitos, a clareza dos princípios, a nitidez da verdade filosófica e metafórica, a um estilo, cuja exuberância e abrangência tornam todos os seus livros de fácil leitura e de estupendo impacto interior, não poucos tendo sido aqueles que mudaram de vida, apenas à sua leitura.

Estou convencido, com o devido respeito a todos os que pensam diferentemente, que a grande verdade do cristianismo – e toda a filosofia do fim do século XII e século XIII, na Europa, é, fundamentalmente, cristã – reside neste admirável respeito à liberdade de pensar. Deus ofertou ao homem o livre arbítrio, sendo, cada um, responsável pela escolha dos caminhos da vida e da verdade que empreende.

Por isto, ao contrário do que apregoam os materialistas – principalmente aqueles que acreditam no determinismo histórico e que a humanidade evoluirá segundo padrões pré-concebidos –, as correntes histórico-espiritualistas, por acreditarem no livre arbítrio, dão ao ser humano, inclusive, o direito de negar a Deus e de decidir o seu destino, no acerto ou no erro. Os espiritualistas acreditam no homem e no livre arbítrio; os materialistas tiram a

liberdade do homem, por acreditarem no determinismo histórico e na evolução programada da humanidade. Liberdade existe nos que acreditam em Deus. Prisão conceitual, nos que não acreditam, pelo menos em diversas das correntes de interpretação histórica e filosófica, principalmente de cunho marxista.

Dom Rafael fez, desde cedo, a opção cristã por uma vida que serve de exemplo e, como pensador, tem formado gerações de jovens para mostrar os caminhos retos da vida, na plena liberdade de consciência.

Por tudo isso, nós o recebemos na Academia Brasileira de Filosofia, sucedendo o admirável pensador católico, Dom Estevão Bittencourt, como um dos nossos, certos de que, de seu convívio no colégio acadêmico, todos, sem exceção, nos beneficiaremos do muito que ainda tem a ofertar à gente brasileira.

Sem bem-vindo, Dom Rafael. A Casa é sua.

Cultura e Fé

Revista de Humanidades

Sentindo a comum responsabilidade pela criação (*Caritas in veritate*, n. 51), a Igreja não apenas está comprometida em promover a defesa da terra, da água e do ar, oferecidos pelo Criador a todos, mas sobretudo compromete-se em proteger o homem contra a destruição de si mesmo. Com efeito, "quando a 'ecologia humana' é respeitada dentro da sociedade, beneficia também a ecologia ambiental" (*Ibidem*).

Não é porventura verdade que o uso desconsiderado da criação começa lá onde Deus é marginalizado ou onde se chega a negar até a Sua existência? Se vier a faltar a relação da criatura humana com o Criador, a matéria fica reduzida a uma posse egoísta, o homem torna-se "a última instância", e a finalidade da existência reduz-se a ser uma corrida ofegante para possuir quanto mais possível.

BENTO XVI. Audiência Geral de quarta-feira (26.09.2009), in *L'Osservatore Romano*, nº 35, pág. 12, 29.09.2009.

